

## SONIA COUTINHO: ATIRE EM SOFIA, UM ROMANCE POLICIAL?

---

CHRISTL M.K. BRINK-FRIEDERICI (USP)

---

Sônia Coutinho, autora conhecida por seus livros de contos (OS VENENOS DE LUCRÉCIA; NASCIMENTO DE UMA MULHER; O ÚLTIMO VERÃO DE COPACABANA), em 1989 publica seu primeiro romance, **ATIRE EM SOFIA**<sup>1</sup>.

A história é construída em volta das três personagens Fernando, Sofia e João Paulo, cujas vidas são entrecortadas e intercaladas com as das outras de menos importância como Matilde, companheira de classe ou Milena, filha de Sofia. O texto divide-se em cinco capítulos, que, através dos títulos, indicam um certo aumento da dramaticidade.

O capítulo I — VERÃO COM ASSOMBRAÇÕES — apresenta Fernando, Sofia e João Paulo, todas na casa dos 40, membros da classe média brasileira, diante de uma cidade impregnada de mistérios, de magia e de uma estranheza, que, enquanto a trama progride, começa a penetrar cada vez mais nas personagens. Aumenta a tensão no capítulo II — LÁGRIMAS DE IANSÃ — através de cenas repletas de fantasmas, demônios, rituais africanos e referências a figuras femininas "terríveis", tudo ao som da batucada do candomblé, da música "heavy metal" e dos Doors com Jim Morrison. O texto atinge seu auge no capítulo III — CIDADE-LABIRINTO —, quando Sofia tem consciência da sua identidade com a cidade e de sua morte:

Cidade inevitável com quem teve um filho e não se livra dele nunca mais, ainda que distante. A fatalidade da cidade/do filho, mesmo quando há raiva ou estranheza. Mas, de repente tranqüila, neste fim de tarde em esparso cinza, então pensa que entende, afinal, a lição da cidade — a de que vai ter de morrer. A dívida da cidade, o aprendizado da morte, sua sedução. A humilde certeza da morte, uma verdade que vê em cada rosto. Quase em paz, a morte na cidade descarnada pelo sol, desfeita pela chuva, cidade onde as frutas amadurecem depressa demais, oferecendo sua perecível polpa. (90)

No capítulo IV — DEDO NO GATILHO — cria-se um tipo de suspense pelo fato de as personagens se entregarem às lembranças, antes que aconteça o assassinato de Sofia no capítulo V — TERROR E GOZO —.

Cada capítulo subdivide-se em várias cenas, ocupadas por uma ou mais personagens. As cenas são interrompidas de maneira cinematográfica, através de cortes tipo "montagem-cut", operando diretamente, sacrificando todos os efeitos sintéticos. Embora o número das cenas varie de capítulo para capítulo, tem uma sistemática na ordem, relacionada com a personagem de Fernando. Cada novo capítulo começa com uma cena, que se refere a ele, e a última, do capítulo V, também fecha com sua visão da história. A figura de Fernando funciona como fio condutor da trama. Através dele, o texto se situa no espaço e no tempo. Os grandes palcos urbanos da história são Rio de Janeiro e a cidade. Mesmo sem nome tudo indica que se trata de Salvador, capital da Bahia. A história narrada, ou seja, a morte violenta de Sofia, acontece em quatro meses, começando no dia 4 de dezembro, dia de Iansã, também dia da chegada de João Paulo na cidade, e termina em fins de março. O tempo do romance apresenta-se muitas vezes através do que Bergson chama de "imagens-lembrança", "imagens-sonho" e "flash-back", intercalando o tempo do passado com o do presente. O tempo relacionado a Sofia e João Paulo desdobra-se, por exemplo, a cada instante em presente na cidade e passado no Rio de Janeiro, ou seja, em presente (cronológico) que passa, e passado (não-cronológico) que se conserva<sup>2</sup>.

Fernando, Sofia e João Paulo fazem parte de uma turma de escola de sete amigos, contando ainda Tom, Josué, Maíra e Matilde, que durante 20 anos não perderam o contato entre si. Fernando, de 40 anos completos, com traços portugueses, "em busca constante de equilíbrio", vive uma vida de moderação, bem na linha filosófica de Píndaro. Sua pontualidade compulsiva é "uma das características que contribuíram para lhe dar respeitabilidade, para torná-lo um bem situado membro da parcela privilegiada dos moradores da cidade, brancos, diplomados, bem instalados." (34) Ele é advogado e também professor de grego na universidade. Seu escritório de advocacia coube-lhe como merecido prêmio, pensa ele, "com ironia indolor, por uma vida inteira de respeito às normas estabelecidas." (34) Seus gestos cortesões e educados sempre acabaram por tranqüilizar os amigos. Seu "tempo é o passado greco-ibérico, com valores que ele, bem ou mal, representa, em meio à crescente africanização da cidade." (34/5) Fernando tem saudades do tempo da "área aristocrática, onde, aos domingos, as moças desfilavam com seus melhores vestidos. Hoje, nos fins de semana, a população negra já se senta maciçamente nas cadeiras das sorveterias que, antes, eram consideradas 'chiques', ou seja, reduto exclusivo de seu grupo branco." (35) No fundo, Fernando é racista e assume apenas intelectualmente o fenômeno da africanização da cidade. Nunca se casou, mas tem idéias utópicas sobre o casamento, como confessa na presença de Sofia com "um sorriso que disfarça muito sofrimento, muita renúncia." (84).

Sofia do Rosário nasceu na cidade, passou nela a infância, os anos de escola e o primeiro casamento com Pedro, a quem ela deixou mais tarde, assim como suas duas filhas Maura e Milena, para tentar sua vida no Rio de Janeiro. Casou-se de novo com Jacinto, mas esse casamento também fracassou. Após quase 20 anos de vida no Rio como bem sucedida jornalista, recebeu uma oferta para trabalhar com teatro na sua cidade natal e assim voltou. Entra em contato com a velha turma de escola de antes, principalmente com Fernando e João Paulo. O trabalho não a satisfaz e sobra-lhe muito tempo para tentar renovar alguns

contatos com as filhas. Tentativas frustradas, principalmente com Milena, que, no fundo, a ama, mas quer ser independente. Começa uma relação amorosa com João Paulo, com quem se encontrou durante toda sua vida esporadicamente, não só no Brasil, mas também no exterior. O seu maior contato, porém, é com a cidade "que tinha ficado dentro dela, por tantos anos, como coisa mal resolvida ou amor-ódio, esta cidade que sempre lhe doeu" (14). Depois de sua volta, a proximidade com a cidade torna-se assunto essencial e decisivo. Através de sua presença "sente-se plenamente devolvida a sua interioridade, capaz de lembrar todos os acontecimentos de sua vida" (43). Contrastando com a atual inércia, surge na sua mente "com dolorida saudade" a lembrança de sua vida no Rio, uma vida ativa apesar de solitária. Lá aprendeu a viver sozinha com certa felicidade, amor, sexo, trabalho e psicanálise. Em comparação com isso, sua vida na cidade é parada, acontece quase exclusivamente nos seus pensamentos, nas suas lembranças e nos seus sonhos. Parece que o tempo cronológico ficou parado na cidade, enquanto o tempo psicológico/mitológico movimentava Sofia internamente e a liga diretamente às figuras femininas como Lilith, Hécate, Medusa, as harpias gregas e Iansã, mas também às mulheres guerrilheiras tipo Maria Quitéria ou Joana D'Arc. De fato, Sofia sempre levou uma vida de rebelde, incapaz de se adaptar a qualquer modelo ou comportamento preestabelecido, transgredindo e rompendo muitas barreiras, nem que fossem apenas as interiores. Mas, de certa forma, sua trajetória, se "bem examinada, tem sido parecida, em última instância, com a de qualquer mulher de classe média brasileira" (164), da geração dos anos 60.

João Paulo nasceu na mesma cidade que Sofia, ambos pertencentes à mesma geração. Três vezes casado, sem filhos, mulherengo e boêmio, homem de 41 anos, meio abatido, meio esquisito, saiu do Rio à beira de um colapso. "Não agüentava mais a estafa de anos a fio de redação, tentou uma última cartada". (71) Volta à cidade com um projeto romântico na cabeça, isto é, de escrever um romance. Na cidade tem assombrações, visões, capta sinais e vibrações

de uma organização secreta plantada no Farol, compra uma pistola Walther e depois da morte de Sofia desaparece. É visto pela última vez, segundo o relato da empregada de Fernando, no terreiro dos Egungún. João Paulo é o suspeito principal do assassinato de Sofia, mas nada se sabe com certeza, pois a causa da morte dela é produto da mente de Fernando, que imagina João Paulo assassinando Sofia com três tiros de uma pistola Walther.

Os outros companheiros da turma: Tom, o falacido Josué, Maíra e Matilde, de traços muito fracos, não têm importância para a trama, tampouco as filhas e os amigos e ex-namorados de Sofia que são apenas figurantes do cenário geral.

**ATIRE EM SOFIA** é um título muito sugestivo: o imperativo "atire" relaciona-se de imediato com uma arma de fogo e um alvo de tiro, que é uma mulher. Surgem as perguntas: quem atira ou quem deve atirar em Sofia, quem é o criminoso? A imagem da capa aumenta a expectativa do título: mostra um nu feminino, aparentemente um fragmento de uma tela, com uma Lua Negra no peito esquerdo onde se encontra o coração. Tudo isso indica morte violenta e magia negra, impressão que logo se confirma no primeiro parágrafo do livro:

Verão esquisito, muito esquisito, pensa Fernando outra vez. Mas esquisito parece uma palavra insuficiente, alguma coisa fica sempre obscura quando procura entender o quê, exatamente, aconteceu neste verão, com sua chuva em proporções catastróficas, fora de temporada, espalhando desabamentos, mortes, boatos. Um verão também de aparições ou assombrações — e verão, principalmente, no qual soaram de repente os três tiros assassinos que voltam agora a ecoar em seus ouvidos, como batidas amplificadas do rum, do rumpi e de lé, os atabaques do candomblé. (11)

Fala-se em "tiros assassinos" num clima de mistério e de premonição, fatores que preocupam a personagem Fernando que pensa em acontecimentos do passado, relacionados a um crime passional:

Verão que tocou no mistério, naquilo que cada um de nós traz nas dobras do inconsciente, nosso gozo ou terror. Verão que, lembrado agora, em sua poltrona favorita, perto da varanda do apartamento, quando o mês de março já chega ao fim, assume de repente a dimensão de um segredo inconfessável, que é melhor esquecer — como deve ser, imagina, para um louco e sua loucura. (11)

Tudo indica que se trata de um romance policial, impressão que parece se confirmar durante a leitura através de mais indícios nessa direção.

O jornalista João Paulo, por exemplo, quer escrever um romance sobre Laura Luedi, ex-Miss Brasil, assassinada com três balas no peito. Sentado na máquina de escrever, pensa:

Não sabe exatamente o que acontece, quando alguém leva um tiro: será que corre muito sangue? Precisa pesquisar isso. E também tem de ter muito cuidado na criação desse personagem jornalista, João Paulo. Tentará situá-lo numa linha de jornalista-investigador, na expectativa de que ganhe a força de um personagem bem romântico das histórias policiais clássicas, com tiques característicos. Um solitário que passa todo o seu tempo livre ouvindo jazz, boêmio, um gênero de jornalista em extinção, para quem o jornalismo, mais do que simples profissão, é estilo de vida. (52)

João Paulo seria um detetive amador, que se lança ao trabalho de investigação após o enigma estabelecido, isto é, o crime consumado. Procura receber mais informações sobre a arma, que possivelmente teria matado Laura Luedi pelo repórter de polícia Moacir, que lhe sugere: "uma pistola 761 automática, marca Walther, de fabricação nacional... A hemorragia é interna. Para abafar o barulho, seria bom colocar um travesseiro na frente da arma, na hora do tiro." (72)

Mais adiante no texto. Sofia lembra-se de Humphrey Bogart, fazendo "o gênero 'hard-boiled', como Sam Spade de 'O falcão maltês', de Hammett, que ele personificou no cinema" ... "mais frio do que Spade — que às vezes cedia aos encantos da Srta. Wonderly" (73). Aqui temos referên-

cias ao "romance negro", romance policial norte-americano iniciado após a primeira guerra mundial por Dashiell Hammett, que, publicado a partir de 1945 na coleção "Série Noire", teve seu maior sucesso na França. Contrário ao infalível Sherlock Holmes, que, no derradeiro instante, consegue desvendar um caso sem sair de sua poltrona, Spade não acredita nessa possibilidade, mas se envolve diretamente nas investigações.

No penúltimo capítulo, Fernando finalmente coloca a pergunta-chave de qualquer romance policial: "Quem atirou na Miss?" Refere-se aqui à personagem criada por João Paulo, mas é indiretamente também ligada à morte de Sofia, já que as duas figuras, Laura e Sofia, muitas vezes se sobrepõem uma à outra. No momento João Paulo responde: "Ah, isso eu mesmo ainda não sei". Entretanto, mais tarde, no último encontro com Sofia, João Paulo sabe a resposta:

- Já sei quem matou Laura Luedi.
- Quem foi? — ela pergunta.
- Foi o jornalista, João Paulo — ele diz.  
Ele se soergue na cama, com uma expressão de espanto.
- Mas, por quê?
- Digamos que foi por paixão e dor-de-cotovelo — ele responde.
- Conheceu Laura meses antes, durante uma cobertura jornalística de uma exposição de pintura que ela promoveu. Laura interessou-se por ele, tiveram um caso. Mas logo ela tentou descartar-se de João Paulo e o humilhou. Então, ele foi procurá-la, aquele dia, mais cedo, na suite do hotel, desesperado e armado. (176/177)

O romance termina com algumas reflexões de Fernando sobre o assassinato de Sofia, que fornecem mais pistas em direção do romance policial:

Como num romance policial, daquele tipo em o detetive mora numa pocilga e tem um escritóriozinho horrendo e sórdido, mas é absolutamente eficiente e genial, desvendando todos os crimes. (80)

Segundo Sandra Lúcia Reimão, "toda narrativa policial apresenta um crime, um delito e alguém disposto a

desvendá-lo, mas nem toda narrativa em que esses elementos aparecem pode ser classificada como policial. Isto porque, além da presença destes elementos, é preciso uma determinada forma de articular a narrativa, de construir a relação do detetive com o crime e com a narração".<sup>3</sup> Seguindo a "tipologia do romance policial" de Tzvetan Todorov, o romance policial de enigma é, na verdade, composto de duas histórias: a do crime e a do inquérito. "Esta segunda história, a história do inquérito, goza, pois, de um estatuto muito particular. Não é por acaso que ela é contada muitas vezes por um amigo do detetive, que expressamente reconhece que começa a escrever um livro: ela consiste, com efeito, na explicação de como essa mesma narrativa pode processar-se, como esse mesmo livro é escrito. A primeira história ignora completamente o livro, quer dizer, ela nunca se confessa livresca... A segunda história, pelo contrário, não só é considerada como tendo conhecimento da realidade do livro, como é, precisamente, a história desse mesmo livro...

...

O romance negro é um romance policial que funde as duas histórias ou, em outras palavras, suprime a primeira e dá vida à segunda. Já não se trata de nos relatarmos um crime anterior ao momento da narrativa: a narrativa coincide com a ação. Nenhum romance negro é apresentado sob a forma de memórias: não existe ponto de chegada a partir do qual o narrador abrangeria os acontecimentos passados: não sabemos se ele chegará vivo ao fim da história. A retrospectiva é substituída pela prospecção."<sup>4</sup>

A primeira vista, a personagem Fernando em **ATIRE EM SOFIA** parece um narrador na tradição de um Dr. Watson para Sherlock Holmes ou de um Capitão Hastings para Hercule Poirot, os grandes memorialistas desses detetives. Mas essa impressão é errônea, porque não há uma segunda história, quer dizer, não existe a história do inquérito do crime através de um detetive. Em outras palavras, a estrutura narrativa só tem a primeira história, a do crime verdadeiro da jornalista Sofia do Rosário, que, como já vimos



antes, tem apenas um valor indireto para o romance policial.

Também no romance de João Paulo a estrutura narrativa do assassinato de Laura Luedi é falha, pois a história do inquérito existe apenas em alguns esboços, sem execução concreta. João Paulo quer esclarecer o assassinato da ex-Miss, mas acaba-se confundindo com o criminoso, fato inadmissível de acordo com os cânones da literatura universal desse gênero literário.

Fica para ser resolvida a elucidação do crime. Em cada romance policial o objetivo principal é o esclarecimento do crime por meio de investigações e raciocínios do detetive, estimulando a participação do leitor pela criação de suspense e/ou ação. Nada semelhante acontece em **ATIRE EM SOFIA**, pois a causa da morte de Sofia não é investigada mas apenas imaginada por Fernando. O crime, aliás, fica mais enigmático no fim do livro, quando João Paulo, na imaginação de Fernando, não matou Sofia por paixão, como no caso de Laura, mas por uma ordem alheia, de maneira esquizofrênica:

Num gesto rápido, cobre a arma com o travesseiro e diz: — Que sensação esquisita. Estou dividido em dois. Há o que age e o que observa, lá do alto, de uma distância infinita. Este me ordena, agora: "Atire na Miss." Dezenas de mãos apertaram o gatilho, três tiros surdos ecoaram no quarto. (177)

Concluindo, **ATIRE EM SOFIA** de Sonia Coutinho não pode ser considerado um romance policial dentro da tipologia desse gênero literário, porque não tem narração do inquérito por um detetive e muito menos o desvendar do crime. Pelo contrário, em vez de o texto se fechar em torno de um criminoso (como é costume nos romances policiais), ele se abre, — na imaginação de Fernando — num nível irreal e real/social, para uma multidão de possíveis assassinos de Sofia. No primeiro, aparecem criaturas diabólicas das profundezas da terra saídas do "omphalós dos gregos"; invasores holandeses ou Maria Quitéria trazidos de volta por uma desregulagem da máquina do tempo; a endemoniada Lilith

e seu cortejo e, ao final, tripulantes de disco voadores. No segundo, enumeram-se as seguintes camadas sociais da **cidade**: as damas e famílias tradicionais; as mães que cumpriram a sua obrigação de criar seus filhos; os homens que foram para a cama com Sofia e agora a consideram uma prostituta; a mãe de Sofia que não conseguiu modificar a filha e, finalmente, ele mesmo, Fernando, por amor frustrado.

Todos esses possíveis assassinos são ligados à **cidade**, o que deixa concluir, que ela seja a personagem principal desse livro. A **cidade** atua, toma parte nos atos das pessoas, decide sobre vida e morte. Ela se torna de importância especial para Sofia e João Paulo, depois de sua longa ausência. Exerce sobre eles um efeito estranho, faz com que eles se identifiquem com ela, ao mesmo tempo que mergulham no seu próprio passado. A **cidade** tornou-se um labirinto onde eles se perdem; mudou de uma **cidade** branca para uma **cidade** negra, de uma **cidade**-vida para uma **cidade**-morte. Ambos sentem a estranheza e o visco com que a **cidade** impregna suas vidas. Pensa Sofia:

Viscosa cidade, visco em tudo, na sensualidade pesada, em seu profundo tédio sensual. No conselho que oferece, através de cada paisagem, cada rosto, cada objeto: 'Não se esforce, não adianta. Desista, deixe-se ser'. Um clima que faz as frutas apodrecerem depressa demais e ensina, para além de qualquer outra coisa, a morrer. Sua cidade esta, seu passado de beleza e horror. (139)

Sofia tem a impressão que, voltando à **cidade**, atende a um chamamento, mas não descarta a possibilidade de ter que cumprir uma vingança ou submeter-se a um sacrifício.

Alguma coisa chamou-a de volta para sua **cidade** natal, não foi ela que escolheu, foi uma voz mística, sobrenatural que causou sua saída do Rio. Por outro lado, ela também estava pronta para sair, não foi apenas uma força mas foi ela mesma que queria voltar para suas origens.

Sofia não vai cumprir, mas sofrer uma vingança, que pode ser relacionada com os homens, cuja vaidade foi ferido

da como no caso de Fernando. Rejeitado por Sofia, ridicularizadas suas idéias sobre o casamento e frustrados seus esforços de se aproximar dela, pensa em assassinato. Mas pode ser também a vingança de toda uma cidade, de uma sociedade que ainda não perdoa uma mulher que se apodera de liberdades e independências como Sofia. Por isso, essa sociedade aplica a mais severa das sanções, a morte. (É interessante notar, que as sanções dessa mesma sociedade já não são aplicadas no caso de Milena, filha de Sofia, que protesta, como a mãe, contra as normas sociais — mas sai impune!)

Fica como terceira razão o sacrifício, o ato sujeito de sacrificar ou sacrificar-se, uma oferta solene à divindade. Parece que os deuses africanos, tristes e enraivecidos com a cidade, exigem um sacrifício humano para perdô-la e salvá-la da destruição, já iniciada pelas chuvas excessivas, visões e assombrações. Não se trata de uma cidade qualquer, porém, de uma cidade "umbilical":

O Farol, um grande centro devorador. O umbigo do mundo, um **omphalós**. Na Índia, o grande centro era o Monte Meru. Entre os germanos, havia um freixo gigantesco, o Iggdrasil, cuja copa tocava o céu e as raízes desciam aos infernos. Na Palestina, o Tabor, palavra que corresponde a **tabur**, umbigo. (183)

Sendo o Farol um centro sobrenatural, Sofia pode, através de sua morte, apaziguar os deuses e trazer de volta a paz para a cidade. Nesse sentido, sim, pode-se entender a morte de Sofia como sacrifício.

A epígrafe do livro, "Quero experimentar um feminino terrível", faz jus à personagem de Sofia que se desdobra em muitas outras mulheres terríveis: bruxas, vampiras, harpias, Liliths e Medusas. Por outro lado, o texto apresenta uma mulher normal, classe média brasileira, liberada, divorciada, e não uma "femme fatale" ou uma mãe irresponsável que deixou as filhas na miséria. Pergunta-se: porque toda essa montagem de um cenário fantástico, voltado até às mitologias mais remotas, quando, finalmente, Sofia tem que sucumbir a uma morte tão vaga e indefinida. Per-

gunta-se também em que argumento se baseiam as alegações de Fernando — a hybris e um erro fatal (como o da mulher de Lot) —, que causaram a morte de Sofia.

O livro aborda muitos temas, monta enormes cenários, faz gravíssimas acusações, sem nada aprofundar ou comprovar, como exige o romance. "Escrever um romance", como diz Walter Benjamin, "significa chegar ao ponto máximo do incomensurável na representação da vida humana. De permeia com a plenitude da existência e através da representação dessa plenitude o romance atesta a perplexidade profunda de todos os seres humanos."<sup>5</sup> Parece-nos que o texto de Sonia Coutinho se aproxima mais de uma peça de teatro, não burguesa, mas totalizante, na maneira de Antonin Artaud, de um teatro de crueldade: "Le Théâtre de la Cruauté de la Cruauté a été créé pour remener au théâtre la notion d'une vie passionnée et convulsive; et c'est dans ce sens qu'il faut entendre la cruauté sur laquelle il veut s'appuyer."<sup>6</sup>

### Notas Bibliográficas

- <sup>1</sup>Coutinho, Sonia. Atire em Sofia. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. 183p.
- <sup>2</sup>"Da lembrança aos sonhos". In: Deleuze, Gilles. A imagem-tempo. Cinema 2, Trad. Eloisa de Araújo Ribeiro, São Paulo: Brasiliense, 1990. p.63-120.
- <sup>3</sup>Reimão, Sandra Lúcia. O que é romance policial. São Paulo: Brasiliense, 1983, p.8.
- <sup>4</sup>Todorov, Tzvetan. "Tipologia do romance policial". In: A Poética da Prosa. Trad. Maria de Santa Cruz. Lisboa: ed. 70, nº 19, p.60 e 62.
- <sup>5</sup>Benjamin, Walter. "O Narrador". In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, vol. XLVIII, agosto de 1975. p.66.
- <sup>6</sup>Artaud, Antonin. "Le Théâtre de la Cruauté" (Seconde Manifeste). In: Le Théâtre et son Double. Paris, 1939. p.146.